

Capoeira e o fenômeno esportivo: um diálogo histórico cultural

Capoeira and the sports phenomenon: a historical cultural dialogue

Capoeira y el fenómeno deportivo: un diálogo histórico cultural



Luís Gustavo Normanton Beltrame

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Email: luisbeltrame@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo refletir acerca dos papéis historicamente e culturalmente construídos pela Capoeira e seu processo de diálogo junto ao fenômeno do esporte. Trata-se de uma abordagem qualitativa baseada em revisão de literatura à luz da sociologia do esporte. As discussões do esporte se configuraram em dois contextos: de alto rendimento e esporte enquanto atividade de lazer. A Capoeira vincula-se ao esporte na tentativa de eliminar o perfil marginalizado, estabelecer um olhar nacionalista e controle social. Observa-se que os valores atribuídos à capoeira ao longo de sua trajetória cultural respondem contrariamente à tentativa de homogeneização e alienação corporal em sua prática popular.

Palavras chaves: Esporte. Sociedade. Cultura.

Abstract: This research aims to reflect on the roles historically and culturally building by Capoeira and its process of dialogue with the phenomenon of sport. It is a qualitative approach based on a literature review in the light of sport sociology. Discussions of sport were configured in two contexts: high performance and sport as a leisure activity. Capoeira is linked to sport in an attempt to eliminate the marginalized profile,

establish a nationalist perspective and social control. It is observed that the values inserted into capoeira throughout its cultural trajectory respond contrary to the attempt at homogenization and bodily alienation in its popular practice.

Keywords: Sport. Society. Culture.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo reflexionar sobre los roles construidos histórica y culturalmente por la capoeira y su proceso de diálogo con el fenómeno del deporte. Es un enfoque cualitativo basado en una revisión de la literatura a la luz de la sociología del deporte. Las discusiones sobre deporte se configuraron en dos contextos: alto rendimiento y deporte como actividad de ocio. La Capoeira se vincula al deporte en un intento por eliminar el perfil marginado, establecer una perspectiva nacionalista y un control social. Se observa que los valores insertados en la capoeira a lo largo de su trayectoria cultural responden en contra del intento de homogeneización y alienación física en su práctica popular.

Palabras clave: Deporte. Sociedad. Cultura.

Submetido em: 17-06-2021

Aceito em: 22-09-2021

Introdução

O termo “esporte” aparece em diferentes momentos históricos e com diferentes significados. Melo e Fortes (2010) contam que a palavra *disport* tem sua origem no francês antigo e apresenta os primeiros registros de sua utilização na Grã-Bretanha do século XV. Entretanto, foi no século XVIII que este termo passa a se apresentar tal como conhecemos hoje (BRACHT, 2005; MELO e FORTES, 2010). Conforme descreve Soares (2005), sob uma forte influência do positivismo, atrelado à perspectiva de saúde, disciplina e moral, nasce o chamado “Movimento Ginástico Europeu” no século XIX. O conceito forte de moralizar indivíduos e sociedade da época é o que modifica as formas de ser e de viver do indivíduo em sociedade. É atrelado a estes valores que se afirma, de forma marcante, na Inglaterra, o movimento esportivo. Para Bracht (2005), o esporte, um fenômeno com caráter competitivo, que surgiu na cultura europeia no século XVIII, resultou de esportivização ou modificação de elementos da cultura popular pela nobreza e se intensificou no final do século XIX e início do século XX. Tal processo é marcado pela desvalorização das manifestações culturais populares, que também se intensificam no final do século XVIII e início do século XIX (CATENACCI, 2001). Há uma consolidação hegemônica da cultura corporal de movimento esportivizada nos preceitos estabelecidos pela sociedade capitalista industrial com princípios incorporados ao esporte, como é o caso do rendimento, o sentido de “corpo máquina” ou “corpo produção”.

Já no século XX, o fenômeno esportivo toma conta da cultura corporal e os jogos populares, tais como a capoeira, perseguida veementemente no século XIX (SOARES, 2002; VIDOR e REIS, 2013), a qual sofre grande repressão por parte das autoridades brasileira também no século XX (BRACHT, 2005). Ao passo que o fenômeno esportivo e a “cultura da esportivização” ganham espaço na sociedade, o “esporte” também é utilizado como ferramenta de alienação social e preconceito racial. Entre os diferentes valo-

res e princípios do esporte estão os que trazem eminentemente o conceito nacionalista de ordem e disciplina, tão pertinente às instituições militares e fortemente explorado, desde o início do século XX, como ferramenta de alienação social, o que ganha força na década de 1970 sob uma perspectiva de esporte não formal (CASTELLANI FILHO, 1988). Neste mesmo período, a capoeira ganha espaço como esporte institucionalizado, estabelecido por meio de padrões de movimento, regras e sistemas de graduações (SANTOS, 2016). Ainda que muito desvalorizado na categoria de luta, tal como o boxe¹, o esporte é aceito como forma de legitimar sua prática. Isso gera diferentes posicionamentos em relação à capoeira e sua capacidade de se afirmar fora dos canais de marginalização socialmente construídos ao longo da história.

Entre a cultura popular, “cultura de esportivização” e prática corporal institucionalizada (Esporte), surge também o debate acerca da profissionalização da capoeira no século XXI (BRASIL, 2002; KIKONGO, 2019). Neste cenário a capoeira acende diferentes reflexões a respeito da sua afirmação e valorização por meio do esporte e entidades de classe (FONSECA, 2010), bem como uma crescente perda de elementos culturais (ABIB, 2004), que poderiam estar relacionados a um perfil sistematizado, homogeneizante e global da cultura corporal. Desta forma, este trabalho pretende refletir acerca dos papéis historicamente e culturalmente construídos pela capoeira e seu processo de diálogo junto ao fenômeno do esporte.

Metodologia

A presente pesquisa apresenta um caráter subjetivo, não métrico e de compreensão do fenômeno esportivo aliado ao objeto de estudo proposto, a Capoeira, consubstanciado ao entendimento de uma abordagem metodológica qualitativa. Para Stake (2011), a base de sustentação da abordagem está fundamentada em uma

¹ Nos relatos de Alberto La Torre, observa-se o desprezo da sociedade pela capoeira. “... o boxe era muito malvisto. Boxeur, no Brasil, era sinônimo de vagabundo. Só havia uma categoria que era mais desprezada: era a capoeira. Esse era caso de cadeia” (CASTELLANI FILHO, 1988 p. 99).

linha de raciocínio ligada à percepção e compreensão humana, dando sentido a teorias e experimentos pré-existentes. Este estudo se fundamentou especialmente nas teorias sociológicas do esporte descritas por Valter Bracht (2005) em sua obra “Sociologia crítica do esporte: uma introdução”, como base teórica de construção de um entendimento do fenômeno esportivo histórico e socialmente constituído, para uma compreensão da capoeira em meio a embates da atualidade. Outra obra de grande relevância nas construções crítico-reflexivas acerca das concepções de corpo e do esporte na história da sociedade brasileira para este estudo foi a “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, de Lino Castellani Filho (1988). A fim de compreender o papel do esporte, na configuração da capoeira como elemento de construção histórico, social e cultural, foram utilizados diferentes documentos (textos, artigos, livros, dissertações e teses) com relevância teórica nos campos cultural e esportivo.

Esporte: embates ideológicos sobre uma cultura corporal socialmente construída

O conceito de esporte nasce sob uma perspectiva positivista do movimento Ginástico Europeu (SOARES, 2005), que adentra no Brasil e ganha forte projeção a partir do século XIX (BRACHT, 2005). Neste contexto os jogos populares são extremamente reprimidos pela sociedade capitalista industrial que se formava, baseado em um modelo que propunha um conjunto de atividades corporais cujo elemento central era o entendimento de um corpo forjado na moral, disciplina e preceitos médicos-higienistas. O conceito médico-higienista do século XIX, sobre a relação da sociedade com o corpo, ganha significativa projeção social, apoiado em uma “educação do físico” de ordem moral, intelectual e sexual como fonte inspiradora para as condições sanitárias da época. Tal fato também justifica a entrada dessas mesmas concepções de corpo na alta sociedade por meio do ambiente escolar. Condições que também

irão fazer parte de uma história do “corpo” ligado ao “fenômeno do esporte”, as quais estão fortemente atreladas aos conceitos dualistas influenciados pelo idealismo platônico de corpo e mente – que enaltece o campo das ideias em detrimento do corpo matéria - e do racionalismo cartesiano - que atribui ao homem a soma de suas partes sob uma visão dual de corpo e espírito (CASTELLANI FILHO, 1988). Todos esses elementos são muito bem aceitos pelas entidades militares e muito bem vistos como forma de controle social, atendendo aos padrões estabelecidos pela sociedade capitalista industrial.

Para Castellani Filho (1988), a influência militar e a forte tendência da pedagogia médico-higienista do século XIX molda também um perfil sanitário familiar e estabelece uma modificação social, a qual elege um “corpo saudável” como representante de uma classe social e de uma raça: a raça “branca” de uma classe dominante. Além da eugeniação² dos corpos, os preceitos colonialistas impõem também a estigmatização do trabalho manual associada ao trabalho escravo. O cenário esportivo passa a fazer parte, inicialmente, da vida dos indivíduos do sexo masculino da classe dominante, cuja mulher era vista como procriadora e, por isso, excluída do esporte perante a legislação vigente³. Em uma sociedade cunhada nos cânones colonialistas e escravocratas, cuja valorização do trabalho intelectual se dava em detrimento dos trabalhos manuais, em sua maioria realizados pela classe popular, o negro encontra uma forma de ser visto e valorizado na sociedade. Essa forma é justamente por meio do fenômeno esportivo. As suas habilidades corporais eram naturalmente testadas todos os dias, nos trabalhos braçais, nas festas populares e nas rodas de capoeira. Assim, a cultura popular, ou jogos populares, passam a se associar ao fenômeno esportivo, assumindo diferentes representações no âmbito sociocultural. Inclusive, conforme descreve Melo (1999), o uso do termo *Sport*, em veículos de imprensa do sé-

2 Segundo Fernando de Azevedo, no início do século XX, Eugenia era definida como sendo “a ciência ou disciplina que tem por objeto o estudo das medidas sociais e econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam, física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações” (CASTELLANI FILHO, 1988; p. 42).

3 “DECRETO-LEI n. 3.199 - 14/4/41 - Art. 54 - Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 49)”.

culo XIX, relacionava o valor esportivo a diferentes manifestações culturais que em momento nenhum chegaram a constituir o campo esportivo de fato. No Brasil este fenômeno encontra diferentes cenários, dos quais podemos destacar: a) revolução de 1930 – cuja perspectiva de forjar uma identidade nacional evidencia um processo de esportivização; b) década de 1970 – quando se destaca o projeto “esporte para todos” (EPT) em meio a um regime ditatorial comandado pelos militares (CASTELLANNI FILHO, 1988); e, c) década de 1980 – o desporto passando a fazer parte da Constituição Federal de 1988, figurando como desporto *performance*, desporto participação e desporto educação (BRACHT, 2005).

Bracht (2005), valendo-se de um esquema dual para caracterizar o fenômeno esportivo, o apresenta como: esporte de alto rendimento ou espetáculo; e esporte enquanto atividade de lazer. O esporte de alto rendimento ou espetáculo parece se oferecer como um modelo no ideário popular que servirá tanto no esporte escolar quanto para um referencial simbólico de nação, o qual se aproximará do que observamos hoje, um viés de mercadoria e consumo veiculado pelos meios de comunicação de massa. Já o esporte enquanto atividade de lazer, apresenta característica heterogênea em suas diferentes manifestações e tem como referência o esporte de alto rendimento. Huizinga, em seu clássico *Homo Ludens*, já chamava a atenção que “o esporte corrompia uma das características fundamentais do jogo que é a espontaneidade. O esporte tecnificava, racionalizava o jogo, o lúdico” (*apud* BRACHT, 2005, p. 22).

A questão do esporte tem sido amplamente discutida na capoeira enquanto resistência a um modelo homogeneizado de sua prática cultural para torná-la esporte espetáculo ou de alto rendimento e seu praticante um atleta profissional (BRASIL, 2002). Apesar de sua hegemônica manifestação, o fenômeno do esporte nos dá um posicionamento crítico e reflexivo acerca da perda de elementos da cultura popular, os quais passam a ser discutidos no âmbito da capoeira com mais ênfase no século XXI (ABIB, 2004; FALCÃO, 2004). Após o seu reconhecimento como patrimônio cul-

tural imaterial, a capoeira passa, então, a assumir um cenário de maior apropriação dos saberes culturais (IPHAN, 2017). Passa a se apresentar enquanto espaço de reflexão acerca de novas discussões no campo da cultura e lazer, ao tempo que abarca o esporte como educação não formal. Ainda de acordo com Bracht (2005), toda prática esportiva é educacional em sua plenitude “no sentido lato toda prática esportiva é educacional, mesmo que num sentido diverso da nossa concepção de educação” (BRACHT, 2005, p. 16).

No início do século XX (1920), ainda que marginalizada, podemos encontrar a tentativa de veicular a capoeira à ginástica, à educação física e ao esporte (FONSECA, 2010). A capoeira se vale desta caracterização esportiva para se afirmar na sociedade, com maior evidência nas décadas de 1930 e 1940, quando diferentes manifestações culturais emergem no cenário nacional. Com a política nacionalista de Getúlio Vargas e a revolução de 1930 a capoeira se projeta, configurando-se como esporte aos olhares da sociedade brasileira e atendendo aos interesses de um novo projeto de identidade nacional. Nesse projeto se tinha a figura do mestiço, outrora sem valor, como um representante do povo brasileiro, apoiando o resgate ou criação de manifestações “genuinamente brasileiras” (FONSECA, 2010). As décadas de 1960, 1970 e 1980 são marcantes na tentativa de tornar a capoeira um esporte nacional. Sob as diretrizes do regime militar (1964-1985) a capoeira passa a ser regulamentada como esporte, vinculada à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), por meio do Departamento Nacional de Capoeira (SANTOS, 2016), projetando-se para uma base de construção ideológica ligada à folclorização⁴ e esportivização⁵ até o ano de 1992, com a criação da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Apesar de tamanha expressão no mundo esportivo, a capoeira nunca se entendeu como simplesmente esportiva, nem tampouco se entregou totalmente ao projeto de esportivização da sociedade

4 Destaca-se neste cenário global, da capoeira como folclore, o famoso capoeirista Artur Ermídio, vindo da Bahia para o Rio de Janeiro na década de 1950, que pode ter sido um dos primeiros a levar a capoeira para o exterior (entre os anos 1950 e meados de 1960), em um estilo que de capoeira que não era nem a Capoeira Regional nem a Capoeira Angola (IPHAN, 2007, p.49).

5 Tal como citado por Santos (2016) a capoeira parece apresentar-se sob uma forte prerrogativa de atividade esportiva em ascensão a partir das décadas de 60 e 70, com a realização de simpósios, lançamento de regulamento técnico, implementação de sistemas de graduação unificado e etc. (SANTOS, 2016, p. 88-94).

em questão. Conforme Bracht (2005), as características do esporte orientadas para o rendimento e a competição vão se expandir no século XIX e se transformar no século XX em conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento em todo o mundo. Parece que a capoeira, neste contexto, enfrenta forte resistência a tal homogeneização da cultura corporal, devido a sua alta complexidade de envolvimento com os campos da oralidade, ancestralidade, temporalidade, ritualística e memória (ABIB, 2006). A capoeira se apropria de um debate frequente no campo de transmissão do saber cultural, já observado na década de 1930, no qual aponta que a visão puramente esportiva acaba por desconsiderar elementos ritualísticos tradicionalmente enaltecidos pelos mestres detentores do saber cultural (FONSECA, 2010).

Elementos históricos da Capoeira e o fenômeno esportivo

Tal como já citado por Bracht (2005), o alto rendimento e o lazer se configuram como expressões de uma cultura esportiva. A espontaneidade e a essência cultural do ser brincante demonstradas na ludicidade de forma gestual, verbal, artística e visual são próprias do lazer (GOMES, 2014) e estão ligadas à capoeira desde suas origens. Tais prerrogativas também dão o nome de “jogo de capoeira”, o qual se popularizou em meio a seus praticantes. Em relação à capoeira como atividade de lazer, pode-se destacar que, nos séculos XIX e XX, ela é reportada em diferentes estados brasileiros e a sua prática se dava comumente em regiões portuárias de grande circulação de pessoas e mercadorias (IPHAN, 2007; LUSSAC e TUBINO, 2009), bem como por trabalhadores, em sua maioria trabalhadores de rua, cujas ocupações eram esporádicas e tinham tempo ocioso entre suas atividades laborais. Neste sentido, a ludicidade na capoeira configura-se como uma manifestação de jogo, comportamento elementar e universal do homem; capaz de dar significado social, político e cultural à expressão criativa e criadora do corpo em movimento. Bracht (2005), tal como já citado

anteriormente, em sua visão dual do esporte (de alto rendimento ou espetáculo e enquanto atividade de lazer), aponta características marcadamente vinculadas ao fenômeno esportivo como: a racionalização, socialização e mercadologização. O autor ressalta ainda que:

muitos dos elementos característicos da sociedade moderna, no caso capitalista industrial, vão ser incorporados e/ou estão presentes no esporte: orientação para o rendimento e a competição, a cientifização do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo – este último sendo central para a expansão do esporte promovida pelo movimento Olímpico (BRACHT, 2005, p. 100).

Tal como citado acima, esses elementos fazem parte de uma trajetória histórica e cultural da capoeira quando imputada como símbolo de uma identidade nacional e na sua eminente necessidade de se projetar fora do ideário marginalizado construído socialmente sobre as culturas de matriz africana no Brasil. Em um primeiro momento, são elementos como a racionalização, pedagogização e nacionalismo, frente à vinculação da capoeira como esporte no cenário nacional, que iniciam este debate. Posteriormente, o que se configura como uma cultura esportiva ou esportivização cultural se transforma em uma organização burocrática institucionalizada em federações e confederações. Vinculam-se à capoeira os valores de competição, rendimento e cientifização do treinamento.

No final do século XIX, frente a uma necessidade política de nacionalização e patriotismo, a capoeira começa a ter um viés positivista sob uma perspectiva de esportivização. Esta mesma perspectiva toma forma e ganha força a partir do século XX e passa a ser defendida como esporte nacional. Naquele período, a capoeira passa a apresentar-se, em meio a uma eminente necessidade de afirmação, como cultura no identitário do povo brasileiro. As necessidades de reafirmação cultural, conflitos ideológicos e a premente necessidade socioeconômica apoiada na política nacionalista de ascensão do povo brasileiro, levam a capoeira a conflitar

entre a cultura e o esporte. Coelho Neto evidencia a capoeira como a “verdadeira educação física brasileira a ser praticada nas escolas, quartéis, lares” (IPHAN, 2007, p. 18). No século XX, podem-se destacar algumas publicações e manifestações em defesa da capoeira que repercutem para sua compreensão no cenário nacional.

De acordo com Lussac e Tubino (2009), o marco inicial mais expressivo em promover a luta brasileira como esporte, defesa pessoal e ginástica foi a publicação da obra “O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira” (OFEREÇO, DEDICO E CONSAGRO, 1907), seguido pela obra de Anibal Burlamarque, Zuma (1928), “Ginástica Nacional (Capoeiragem) – metodizada e regrada”. Tal fato nos leva a pensar numa primeira tentativa de homogeneização cultural, a qual valorizava a capoeira em seus movimentos ginásticos. No mesmo período é criada, por Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, a Luta Regional Baiana⁶, na Bahia, com o interesse de eliminar a carga pejorativa sobre a capoeira e aumentar a sua aceitação na sociedade. Este movimento abre portas para o surgimento de outro movimento, na mesma região, denominado de “Capoeira Angola”, tendo como personagem mais representativo, Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha.

A capoeira passa a ser ensinada em espaços fechados (academias); a estabelecer métodos de ensino no lugar do ensino por oitiva; a atribuir o uso de uniformes para a sua prática; e valer-se de nomes ligados ao esporte (Ginástica nacional, esporte, atletas). Curiosamente, a Capoeira Angola, nas mãos de seu maior defensor, Mestre Pastinha, também se vale da cultura esportiva da época, criando o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) em 1941 (FONSECA, 2010). Entretanto, há que se verificar que nesta época a capoeira não se configurava como um esporte de alto rendimento, de caráter competitivo, mas sim como uma “cultura esportiva”. Isso vai ocorrer de forma mais concreta na década de

⁶ Conforme cita Machado (2018), a “Luta Regional Baiana”, também conhecida como “Capoeira Regional” é o nome conferido à obra de Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, que teria sido criada como um método de ensinar a capoeira baseado em princípios ritualísticos e filosóficos de alta complexidade (MACHADO, 2018. P. 39 – 58). Este método foi idealizado por seu criador, Mestre Bimba, a partir de 1918.

1970⁷, apoiada por uma perspectiva ideológica de afirmação e alienação corporal imposta pelo período de ditadura militar, a qual contava com a homogeneização cultural por meio da padronização de uniforme, métodos, nomes de golpes, etc (SANTOS, 2016). Em 1992 é fundada a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), reconhecida pelo comitê Olímpico Brasileiro (COB), e posteriormente, em 1999, a Federação Internacional de Capoeira (FICA). Tal como exposto por Bracht (2005), o fator nacionalização é um forte pressuposto à prática esportiva atrelada ao movimento Olímpico. Vale destacar que o discurso legitimador do esporte, na capoeira, ganha força também nos campos da saúde, educação e qualidade de vida como instrumento de representação nacional. Entretanto a capoeira parece sempre se apoiar às raízes históricas de suas representações culturais.

Entre os movimentos culturais de grande representação da capoeira destaca-se a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, as quais se transformam nas mais representativas matrizes da capoeira no cenário mundial, pois sob a influência destes movimentos a capoeira toma uma proporção jamais esperada. Nesse contexto, destaca-se também a figura de Agenor Moreira Sampaio, conhecido como Sinhozinho, que treinou jovens do Rio de Janeiro, nos anos de 1920 a 1960, eliminando os instrumentos musicais e cantos, dando prioridade às características físicas e marciais da capoeira evidenciando características para adequação da capoeira ao esporte de alto rendimento (IPHAN, 2007). A capoeira se projeta como importante papel na cultura, mas principalmente na possibilidade de se mostrar eficiente como luta, já que esta época também é marcada por grandes disputas entre diferentes artes-marciais.

A tentativa de tornar a capoeira uma “ginástica brasileira” é perseguida por Inezil Penna Marinho de 1945 a 1980. Entretanto, a versão baiana criada por Mestre Bimba a partir de 1928, por meio da qual se dá um processo de renovação das manifestações cultu-

⁷ Santos (2016) cita Reis (2000, p. 193,194), que destaca a oficialização da capoeira como esporte em 1972, associada à ampliação do mercado das lutas marciais orientais, como um caminho visto pela capoeira para sua legitimação como esporte. O caráter competitivo desta prática esportiva se vincula a representações produzidas pela elite carioca do século XX. Desta forma, desconsidera elementos culturais pertinentes à capoeira em suas matrizes mais representativas da capoeira.

rais negras (IPHAN, 2007), demonstra, além da aplicação do método de ensino, a manutenção das vertentes culturais de transcendência da matriz africana associada à formação e transformação da capoeira (CAMPOS, 2009; MACHADO 2018). Ela se utilizou, com frequência, do fenômeno esportivo para se projetar no cenário nacional⁸. A Capoeira Angola, mantida na Bahia como a capoeira sem criador, com raízes fortemente ligadas à ancestralidade africana, traz, em suas raízes, aspectos filosóficos e culturais ligados às matrizes africanas tal como descrito por Mestre Pastinha (PASTINHA, 1988), seu principal defensor. É notória a inserção de elementos da sociedade moderna industrializada nas práticas culturais esportivizadas como: rendimento, competição e treinamento. Esses mesmos elementos começam a fazer parte do contexto da capoeira, os quais se intensificarão mais à frente. O aspecto disciplinador do corpo, observado nas técnicas de treinamento cada vez mais apuradas nos esportes de luta, dão à capoeira um aprisionamento de suas origens lúdicas em sua prática. Para Bracht (2005), diante de um processo de institucionalização e disciplina corporal impostos pela sociedade, o corpo pode se tornar um escravo de si mesmo.

O corpo já não consegue mais ter linguagem própria: ele não fala, é falado. Os bens que circulam são, antes de tudo, linguagem do poder, transmitida pela mídia. [...] tudo é, assenhoreamento do corpo para torná-lo escravo (DIEGUEZ, 1985, apud BRACHT, 2005, p. 46).

Muitos Mestres veem na padronização e na institucionalização da capoeira pontos positivos para a sua prática. Observa-se também a sua legitimação como esporte ascender em um cenário mundial da capoeira e conflitar com perdas frequentes de elementos culturais de uma prática tradicional, transformando-se, em alguns momentos, em mercadoria. O aluno passa a ser cliente e o mestre ou professor um profissional. A crescente perda desses

8 Dentro da capoeira Regional de Mestre Bimba, pode ser observada uma forte inclinação para a capoeira se projetar no cenário esportivo (esporte de alto rendimento), defendida por seus alunos, dentre os quais destacam-se Mestre Decânio: "Participou como representante da Federação Baiana de Pugilismo[...] participou como autor do Projeto de regulamentação da capoeira para a confederação Brasileira de Pugilismo (CBP)[...]". Mestre Senna "Defensor ferrenho da capoeira como esporte ... impulsionou Proposta de Regulamentação da Capoeira Esporte ..." sancionada pelo Conselho Nacional de Desporto (CND) em 1972 (CAMPOS, 2009, p. 281-285).

elementos tem levado a capoeira a uma descaracterização de sua essencialidade cultural e crescentes debates em torno da profissionalização e mercadologização. De acordo com Bracht (2005), as instituições esportivas acenam para uma perspectiva mercadológica dividida em duas dimensões: mercadorização do espetáculo esportivo e seus subprodutos; e a mercadorização dos serviços ligados à prática esportiva. Desta forma, o esporte se organiza conforme o mercado e a cultura se transforma em mercadoria. Quando isso ocorre na capoeira nos deparamos com uma perda em seus elementos básicos de construção cultural.

Considerações finais

Tal como foi constituído historicamente, em meio à sociedade capitalista industrial, o fenômeno esportivo se fundamenta em um processo de esportivização da cultura com eminente perda ou desvalorização de elementos da cultura popular. Traz consigo características de burocratização, racionalização, competitividade, rendimento, cientificidade técnica, pedagogização e nacionalização. Na visão dual do esporte, trazida por Bracht (2005), o esporte de rendimento ou espetáculo se torna referência para os mercados de consumo e para o esporte enquanto lazer. O jogo perde sua espontaneidade e ludicidade, elementos da natureza humana, quando transformado em esporte. Além da perda de elementos da cultura popular, o fenômeno esportivo leva à necessidade de profissionalização da cultura, transformando a mesma em mercadoria.

Para efeitos de valorização dos elementos culturais ancestrais, filosóficos e ritualísticos da capoeira, os valores constituídos pelo fenômeno esportivo, em especial o esporte de alto rendimento, não se configuram no jogo de capoeira. Desta forma, a sistematização burocrática dos símbolos e signos da capoeira não se configuram hegemonicamente no cenário mundial. Isso ocorre quando há valorização dos saberes culturais trazidos pelos antigos mestres. Neste contexto, podemos considerar normais as diferenças

existentes no mundo da capoeira e aceitá-las como agregadoras em vez de tentarmos sistematizá-las para um mercado de consumo. Entretanto, os efeitos do fenômeno esportivo associado ao modelo capitalista industrial, frequentemente observado em esportes de alto rendimento, têm tomado um campo muito amplo de discussões no contexto da capoeira. Em um primeiro momento histórico de tentativa de esportivização da capoeira, há imposição de regras do pugilismo, as quais não se adequam à realidade da capoeira; posteriormente, uma sequência de tentativas que se configuram em uma perda de elementos culturais, dos quais a capoeira resiste em se adequar por sua natureza muito ligada a uma fundamentação histórica e cultural ímpar.

Referencial bibliográfico

ABIB, Pedro Rodolpho Junguers. **Capoeira angola:** cultura popular o jogo dos saberes na roda. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicada à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ABIB, Pedro Rodolpho Junguers. Os Velhos Capoeiras Ensinam Pegando na Mão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do Esporte:** uma introdução. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de lei nº 7150/2002.** Dispõe sobre o reconhecimento da atividade de capoeira e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2002. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/ficha-detramitacao?idProposicao=67118>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira Regional:** a escola de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2, 2001.

DIEGUEZ, G. K. Corpo: liberdade e prisão. In: DIEGUEZ, G. K. (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 96-106.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FONSECA, Vivian. A capoeira e o mundo do trabalho: embates acerca da profissionalização. **Cad AEL**, v. 16, n. 28, 2010.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980 (original de 1938).

IPHAN – **Dossiê**: Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil, Brasília - 2007.

IPHAN, **Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira**: apoio e fomento / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília, 2017.

KIKONGO, Paulão. KIKONGO, Paulão. Profissionalização da Capoeira. Este é o melhor caminho? **Berimblog**, setembro, 16, 2019. Disponível em: <https://berimblog.com.br/2019/09/16/profissionalizacao-da-capoeira-este-e-o-melhor-caminho/>. Acesso em ago. 2020.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto e TUBINO, Manoel José Gomes. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Rev. da Educação Física/UEM- Maringá**, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2009.

MACHADO, Manoel Nascimento. **Bimba**: um século da Capoeira Regional. Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA: Salvador, 2018.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História Do Esporte: Panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MELO, Vitor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: panoramas e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3 ed. Fundação Cultural do estado da Bahia. Salvador – Bahia, 1988

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher, Brasil, 2000.

SANTOS, Valdenor Silva dos. **A Roda de Capoeira e Seus ecos Ancestrais e Contemporâneos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

VIDOR, Elisabeth e REIS, Letícia Vidor de Souza. **Capoeira: uma herança afro-brasileira**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro, 2013.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.